

favor, converter-se ha em certesa, quando houvermos accumulado maior somma de factos comprobatorios (1).

**CONGRESSO INTERNACIONAL DOS MEDICOS DAS COLONIAS
EM AMSTERDAM**

DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE, O PROFESSOR STOKVIS (1)

Senhoras e senhores !

E' com um sentimento do mais profundo reconhecimento que venho agradecer-vos, minhas senhoras e senhores, a benevolencia e prestesa com que acolhestes o convite da commissão organisadora para nos fazerdes a honra de assistir a esta sessão solemne, e venho manifestar-vos o desejo de que sejaes bem vindos. Sinto que o meu coração se enche dos sentimentos mais nobres e as affeições mais legitimas, desejando-vos a boa vinda, a vós meus senhores e carissimos collegas, que vindes prestar o vosso concurso á obra, que empreehendeu a commissão organisadora do congresso internacional dos medicos das colonias.

Quando esta commissão se propoz reunir, em Amsterdam, por occasião da exposição internacional colonial e de exportação geral, um congresso internacional de medicos das colonias, não se illudiu sobre as difficuldades d'esta empreza. Era o primeiro congresso d'este genero, que ella queria inaugurar; era, pois, entrar n'um caminho inteiramente novo, era arriscar-se n'um terreno escorregadio e sinuoso, de que se não conheciam nem os desvios nem os perigos !

Como será recebida pelo mundo medico e scientifico esta idéa de um congresso internacional de medicina colonial?—eis a

(1) Publicamos este artigo, cujos pontos principaes foram já analysados no numero 4, de Outubro, d'esta *Gazeta*, com o fim de reunir n'estas paginas os estudos mais interessantes sobre a pathogenia do beriberi.— A REDACÇÃO.

(1) Trasladamos para nossas columnas este importante discurso que interessa em muitos pontos á historia da Medicina no Brasil, nos tempos coloniaes.

pergunta que a commissão não deixava de fazer a si mesmo a cada passo. A medicina, a sciencia medica, os interesses da humanidade—de que a medicina é um dos guardas mais fieis e mais corajosos—não serão por toda a parte os mesmos, no campo, assim como nos grandes centros de civilisação, nas colonias assim como nas metropoles, nos paizes intertropicaes assim como nos nossos climas moderados? Para que querer elevar de novo muros e barreiras, onde o progresso só tende a demolil-os e fazel-os desaparecer? Para que manifestar um separatismo mal collocado, querendo crear uma nova casta, a dos medicos das colonias, como se se quizesse voltar á organisação politica e social dos antigos Hindús? Para que, n'uma palavra, querer oppor barreiras a essa corrente de idéas sãs de cooperação e associação universaes, cuja força e poder vão crescendo todos os dias? Foi ao pé d'essa corrente de aguas limpidas, ferteis e abençoadas, que se elevou o edificio grandioso e magnifico dos congressos internacionaes, nos quaes todos os medicos do mundo, todos os que se interessam pelo progresso da sciencia medica, se reúnem, se encontram, se instruem mutuamente como os membros de uma só e grande familia.

Por ventura os medicos das colonias e dos paizes de ultramar não são ahi recebidos como irmãos, apreciados e applaudidos como trabalhadores intrepidos da sciencia moderna nas paragens mais longiquas do nosso globo?

A lembrança do ultimo congresso internacional medico, o de Londres, não estará ainda viva em nós, pela importancia das questões, que lá foram tratadas, pelo esplendor dos homens illustres, que assistiram, e sobretudo pela hospitalidade principesca dos nossos collegas inglezes? O congresso internacional medico de Copenhague não estará a surgir no horisonte como a aurora de um dia sem nuvens? Para que, pois, n'este momento, entre um passado glorioso de lembranças inapagaveis, e esse futuro cheio de luz, um novo congresso internacional especialissimo—dos medicos das colonias? E todavia,

meus senhores, no meio d'estas duvidas, d'estas hesitações, de que a commissãc organisadora não podia libertar-se, tomastes corajosamente o vcsso partido. Applaudistes a nossa obra, dizendo, que a sciencia medica dos nossos dias se assemelha antes a um estado federativo, do que a um d'esses mecanismos artificiaes, de que se não poderia tirar uma parte essencial, sem prejudicar a sua existencia! Pensastes, que valia a pena que os grandes interesses da hygiene e dos cuidados medicos nas colonias e nos paizes intertropicaes fossem tratados separadamente por homens que tivessem auctoridade pela sua experiencia?

Julgastes que a medicina scientifica moderna deve o seu progresso incontestavel á especialisação, a essa divisão abençoada do trabalho, que creou ao lado dos nossos hospitaes, todos esses laboratorios, todos esses museus, que saudamos com enthusiasmo, como outros tantos focos de luz bemfeitora sobre a estrada em que se metteu a medicina. Entendestes que, se havia rasões para organizar congressos de clinica medica, de hygiene, de ophthalmologia, de medicina mental, etc., haveria mais rasão ainda para organizar um congresso internacional de medicina colonial. Comprehendestes immediatamente, sem nenhuma intervenção da nossa parte, toda a importancia de um tal congresso, tanto sob o ponto de vista da sciencia pura, como em relação aos interesses mais graves e mais caros do mundo civilisado.

Sob o ponto de vista da sciencia pura, porque a parte mais palpitante, a mais cheia de seiva, a mais interessante da sciencia medica, se acha na etiologia, isto é na doutrina das condições exteriores e interiores, ás quaes o organismo é submettido, e porque os medicos tendo exercido nas colonias e nos paizes intertropicaes, puderam contribuir mais do que outros quaesquer para se alargar o quadro dos nossos conhecimentos a este respeito.

Sob o ponto de vista dos interesses hygienicos e praticos, porque o bem estar da nossa velha Europa está ligado pelos

laços mais intimos ao bem-estar das colonias e dos paizes do ultramar, porque cada raio de luz que se produz em torno das questões de medicina e de hygiene colonial, deve servir ao bem-estar da metropole e da humanidade. Fostes, meus senhores, os nossos interpretes mais eloquentes, os nossos advogados mais entusiastas junto dos vossos governos, que por intermedio altamente apreciado e benevolo do nosso ministerio no estrangeiro, não hesitaram em enviar-nos objectos importantes para a nossa exposição colonial medica e em enviar-nos subdelegados officiaes para este congresso.

Finalmente viestes trazer-nos com o vosso concurso mais fraternal a vossa sympathia mais calorosa, e desde o primeiro momento em que encetámos a nossa obra, as *difficultades*, que ameaçavam surgir, foram aplanadas, e a preparação do congresso fez-se quasi por si mesma. Permitti-me, pois, ainda uma vez, meus senhores e carissimos collegas, que, desejando-vos a boa vinda em nome da *commissão organisadora*, vos diga que adquiristes o nosso sincero reconhecimento.

Não poderia dizer-vos, senhores, tudo o que sinto e experimento n'esta hora solemne, em que quizestes nomear-me vosso presidente, e conceder-me uma honra, de que me sinto tão pouco digno. Não temei contudo que vá occupar-me muito tempo de mim mesmo. Sómente isto.

Os livros mais antigos dos medicos Hindús abundam, assim como os livros mais modernos, em louvores ao medico, que sabe combinar de um modo perfeito a theoria com a pratica. Mas desgraçado d'aquelle, é assim que fallam o Charatra e o Susruta, a quem falta alguma d'essas duas condições essenciaes ao bom exito. Será como o soldado, que se assusta no momento da batalha, será como a ave que perdeu uma aza. Pois bem, meus senhores, n'este momento solemne, em que vou occupar a cadeira da presidencia, sinto-me como esse soldado, julgo ser essa ave. Todavia farei o melhor que poder; e se as forças me faltarem para desempenhar a tarefa, que quizestes confiar as minhas mãos, se sentir o temor apoderar-se

de meu coração, recorrerei á vossa benevolencia, que me dará coragem, ao vosso concurso, que me servirá de sustentaculo, á vossa sympathia, que tornará o meu encargo mais leve e não me permittirá tornar-me indigno do logar elevado, a que só ella me fez chegar.

Assim, pois, meus senhores, o congresso internacional dos medicos das colonias está constituido, a sua meza está formada, póde começar os seus trabalhos. Mas antes de os emprehender, não me levareis a mal, que vos retenha algum tempo.

A abertura de um congresso, como o nosso, não póde realizar-se, sem que o espirito seja tocado da grandeza e importancia da sua obra, sem que o coração seja commovido pelo facto de tantos hcmens illustres de nacionalidades tão differentes terem affluido das diversas partes do mundo, para nos fazerem gosar os fructos saborosos da sua intelligencia e do seu saber, para servirem de guia aos homens do poder e aos governos na execução d'essa tarefa difficil e delicada, de velar pelos interesses sanitarios das colonias e das metropoles. Filho adoptivo querido, e digno emulo, segundo esperamos, d'essa exposição internacional colonial, que somos orgulhosos de chamar nossa, este congresso se esforçará em pôr sob os olhos e ao alcance de todos, que se interessam pela sua obra, uma collecção tão completa quanto possivel dos dados necessarios para se julgarem essas grandes questões praticas de uma actualidade palpitante, como as quarentenas, a colonisação dos europeus nos climas intertropicaes, a educação especial dos medicos das colonias, e essas questões puramente scientificas e medicas, taes como as modificações produzidas pelos climas intertropicaes no estado pathologico, a phthysica nas colonias, o tratamento das doenças exoticas nos climas modernos. Procurará alargar as vistas, multiplicar os conhecimentos, abrir novas vias para o estudo e para o trabalho do espirito, ora fixando a attenção sobre questões de pathologia geral, ora sobre as que dizem respeito á hygiene, á pathologia especial e á therapeutica. N'uma palavra, o congresso, que acabamos de constituir não

quer nem mais, nem menos, do que expôr aos olhos do mundo scientifico um quadro fiel do estado actual da medicina colonial.

Como não nos havemos de sentir commovidos no momento da sua abertura? A carreira está aberta, os campeões mais nobres e mais distinctos vão entrar na lide, as idéas vão chocar-se, e á sombra das bandeiras desfraldadas da sciencia e da humanidade o combate intellectual vac empenhar-se. E no meio d'estes sentimentos de diversa natureza, de que somos assaltados, ha um que domina, é um sentimento de duvida, de hesitação, que nos faz perguntar, se a nossa obra será coroada de exito, e se este combate generoso, no qual estamos empenhados, poderá fazer saltar ainda que não fosse mais do que uma faisca d'essa verdade, que nós todos procuramos, e para a qual nenhum sacrificio é demasiado. Pois bem, senhores, affastemos dos nossos corações esse sentimento de duvida! O congresso ha de levar a bom exito a sua obra. Manter-se-ha á altura da sua tarefa. Tomará na historia dos congressos scientificos um logar digno ao lado dos congressos internacionaes medicos.

Permitti-me que vos diga o que me conduz a esse prognostico favoravel. Não são nem as minhas sympathias, nem o meu entusiasmo para a obra emprehendida, é uma reflexão de medico consciencioso, que se apoia sobre as bases solidas da experiencia. Cada reunião permanente ou temporaria de homens, que perseguem o mesmo fim fazendo convergir as suas acções e intenções n'um mesmo ponto culminante, como os raios luminosos convergem no sol, assemelha-se, sob quasi todas as relações, a um organismo vivo. O desenvolvimento harmonico, o crescimento regular, o bem estar dos organismos vivos, não poderiam ser alcançados, sem se dar um certo numero de condições, que se acham de um lado no proprio organismo, na sua disposição anatomica, na sua composição chimica e physica, nas qualidades e propriedades dos organismos de que descende em linha directa, n'uma palavra nas suas

forças interiores, e do outro lado no mundo exterior, no qual se acha collocado. A semente mais nobre e mais forte não poderia tornar-se na flôr mais brilhante e encantadora, sem o solo apropriado, sem o calor do sol, sem a chuva benefica, sem os cuidados incessantes, que lhe presta o jardineiro. Por outro lado se houver todas estas condições exteriores favoraveis, não apparecerá ainda nem planta, nem flôr, se a semente estiver deteriorada, se faltarem as suas forças interiores. Pois bem! se examinarmos com esta attenção escrupulosa, que nos é ditada pela nossa consciencia scientifica, as condições, em que se acha a semente, que confiamos agora á terra, não ha duvida possivel, devemos reconhecer, em alta voz, que todas as condições, tanto interiores como exteriores, para o crescimento, para o exito do nosso congresso estão preenchidas. Será preciso enumerar todas as condições interiores favoraveis ao bom resultado da nossa obra? Seria dar apparencia de lisonja e ostentação, se fallasse da vossa longa experiencia e dos vossos trabalhos altamente apreciados; mas não posso passar em silencio o vosso concurso sympathico e benevolo, e, referindo-me ás condições favoraveis interiores, tenho empenho em fazer sobresahir os laços de familia, que nos unem por um lado á associação medica hollandeza, e por outro lado á commissão executiva da exposição.

Sim, meus senhores, o nosso congresso descende em linha directa d'essa commissão, e se a piedade filial nos leva a agradecer-lhe de todo o nosso coração tudo o que ella fez de tão bom grado e com tanto desinteresse para o exito do nosso congresso, somos orgulhosos em podermos dizer que pertencemos a essa nobre raça, e podermos esperar, que o nosso congresso mostrará um pouco d'esse zelo infatigavel, d'essa dedicação completa, d'essa altura de vistas, de que a commissão deu tantas provas na execução da sua tarefa difficil e laboriosa. Que diremos das condições exteriores? Reunimo-nos sob a alta protecção de um rei esclarecido, que anima sempre a sciencia e as bellas artes. Os representantes do governo hol-

landez, Ss. Exs. os ministros, e o presidente honorario da exposiçãõ dignaram-se honrar esta sessãõ de abertura com a sua presença, e essa presença, testemunho eloquente do seu interesse nos trabalhos do congresso, que nós agradecemos cordialmente a Ss. Exs. ha de realçar-lhe o esplendor e a importancia. A vossa presença n'estes logares, Sr. burgomestre d'Amsterdam e senhores representantes communaes, mostra novamente, quanto vos empenhaes pelos interesses da sciencia em geral, e pelos da sciencia medica em particular, e o acolhimento hospitaleiro e esplendido, que nos prepara a municipalidade da nossa cara cidade natal, é uma prova irrecusavel, de que os seus melhores votos para o exito da nossa obra estão adquiridos. E depois reunimo-nos n'um momento, em que todo o mundo instruido e civilizado se occupa mais do que nunca de tudo o que se refere ás colonias e aos paizes do ultramar, e o nosso congresso tem as suas sessões nas salas de uma sociedade, sempre prestes a abrir as suas portas á sciencia com essa hospitalidade perfeita e soberba, de que não poderiamos apreciar assaz o merito e o encanto, e que, por tudo o que tem feito em prol das sciencias e das bellas artes, póde chamar-se com altivez: « Feliz por seus meritos », *Felix meritis*. Mas a todas estas condições exteriores favoraveis e de melhor agoiro, a esse sol brilhante, a todos esses cuidados interessantes do jardineiro, vem ajuntar-se uma outra, talvez a mais importante, a que deu a coragem á commissão organisadora de vos convidar para aqui, a que não cessou de a inspirar na sua obra. É a circumstancia, que a Hollanda póde chamar-se com orgulho a terra classica, a primeira que viu desabrochar a medicina colonial, e que por isso representa talvez o solo mais apropriado para o bom exito do primeiro congresso internacional dos medicos das colonias.

Prestemos a Cesar, o que lhe é devido ! Saudemos com reconhecimento a Hespanha e Portugal, como os paizes colonisadores mais antigos, e prestemos toda a nossa homenagem a esse nobre portuguez, Garcia da Orta, medico do vice-rei da

India, que n'um livro com rasão afamado, foi o primeiro que fez conhecer no meado do seculo XVI, em 1563, muitas plantas medicinaes das Indias orientaes, desconhecidas até então na Europa. Mas devemos convir immediatamente que esse livro, uma das grandes glorias da sciencia portugueza, esse livro, em que o auctor é o primeiro de todos os medicões europeus que nos dá uma descripção tão viva como correcta da cholera, não teria despertado a admiração da Europa inteira, se não tivesse sido traduzido de portuguez em latim. É a Carolus Clusius, um dos primeiros e mais sabios professores de botanica em Leyde, que pertence a honra de ter feito conhecer esse trabalho notavel ao mundo scientifico.

Alterou-lhe a fôrma, deixando-lhe intacto o fundo, ajuntou-lhe as suas proprias investigações, as suas descripções de plantas e raizes intertropicaes, trazidas para a Europa por Francisco Drake e outros, e foi devido a elle que o mundo inteiro ponde aproveitar as descobertas do celebre portuguez.

Mas para dizer toda a verdade, a obra de Garcia da Orta não é uma obra medica. É um livro de historia natural, de botanica medica. O seu auctor fornece-nos descripções exactas e claras de plantas medicinaes, que encontrou nas Indias orientaes. Se as suas propriedades therapeuticas o interessam mais, todavia só de passagem se occupa da medicina, e do mesmo modo que se occupa da historia d'esses paizes longiquos e de outras bellas coisas, que são dignas de serem conhecidas. Não nos dá nem um bosquejo das doenças proprias d'esses paizes intertropicaes, nem promenores, sobre todas essas questões etiologicas, que interessam o medico no mais alto gráo, o clima, a alimentação, a posição social, etc. O naturalista supplanta n'elle o medico. Mostra o caminho da medicina colonial, sem se metter n'elle. Os seus successores, principalmente os da peninsula iberica, Monardes, Christofel de Castro, Frajoso, Ximenes, etc., seguem-no na mesma via com uma coherencia inabalavel. E se publicam obras medicas propriamente ditas, obras classicas e admiraveis, sobre a medicina dos paizes intertropicaes, como o

fez no fim do seculo XVI o venesiano Prosper Alpini, professor em Padua sobre a medicina dos Egyptios, essas obras não se occupam das colonias propriamente ditas, mas dos paizes de climas intertropicaes, conhecidos ha muito tempo, descriptos pelos antigos, paizes em declinação, embora de passado illustre, e são antes obras que se ligam á historia da medicina, do que trabalhos, que, reunindo factos novos, venham alargar o horizonte acanhado dos conhecimentos medicos.

A honra dos primeiros trabalhos de medicina colonial estava reservada para os hollandezes do seculo XVII. Foi n'esse seculo, cuja lembrança faz bater mais apressadamente os nossos corações ; foi n'esse seculo, como o disse tambem o sr. Taine, que os hollandezes fizeram viagens de descoberta, fundação e conquista, que são tão bellas como os seus combates ; foi n'esse seculo que Leyde se tornou a escola mais afamada da Europa, enquanto a Hollanda era o primeiro dos paizes pensantes, e que as sciencias positivas encontraram aqui o seu solo nativo, ou a sua patria de adopção ; foi esse seculo que nos deu um naturalista como Swammerdam, um physico e mathematico Huygens, um microscopista como Leeuwenhoek, um medico como Boerhaave ; é esta era de gloria que nos dará tambem os primeiros auctores classicos de medicina colonial, que se dedicarão á obra com essa energia de que são temperados todos esses homens illustres, e com o auxilio da qual produzem trabalhos superiores cuja lembrança se não perderá jámais.

Bontius trata os seus doentes, regista os casos raros, faz autopsias numerosas, dá conselhos de hygiene publica aos homens do poder, faz uma collecção da flora e da fauna indianas, viaja pelas ilhas visinhas, Timor, Amboina, e, ganhando a sympathia dos homens do poder, desempenha funcções publicas, é nomeado bailio de Batavia e fiscal das Indias. Cria uma bibliotheca de todas as obras que se referem ás colonias, e durante a noite arranja as suas collecções, põe em ordem os seus manuscriptos, e confia ao papel n'um latim claro e clas-

depois da sua chegada ás Indias termina o seu trabalho classico: « *Methodus medendi in India* » que dedica á nobre companhia das Indias orientaes. Não se apressa em publical-o, está persuadido que prevenir as doenças vale mais do que cural-as; quer ensinar aos seus compatriotas que se estabeleceram em Java, o que tem de observar a proposito do clima, da alimentação, do exercicio, etc., para conservarem a saude, quer advertir os doentes e os convalescentes do que hão de evitar, para não serem arrebatados pelas doenças, e a 16 de Janeiro de 1631 acaba a sua obra, cuja fórma lembra as de Garcia da Orta e de Prosper Alpini, porque consiste em colloquios entre o auctor e seu amigo Andréas Dureus, mas cujo fundo é inteiramente novo. Todavia Bontius não ficou n'isto. O medico não matou n'elle o naturalista. Não esqueceu que seu pae foi professor de botanica, sabe o que deve a essa cara cidade natal, cujo jardim augmentam de dia para dia em importancia, e ao qual estão ligados os botanicos mais illustres, Dononaens, Clusius, Pavius. Sempre se applicou com predilecção ás sciencias naturaes, não pode estar em paz comsigo mesmo, sem ter dado uma descripção municiosa de todas as riquezas vegetaes, de que transbordam as Indias orientaes. Esperando o acabamento da sua grande obra sobre a historia natural das Indias, que tenciona illustrar com desenhos exactos do pintor Minten, envia a seu irmão Guilherme, justamente com as obras medicas e hygienicas, as suas annotações sobre a obra de Garcia da Orta, como para entrar em materia.

Bontius põe todo o seu trabalho intellectual á disposição de seu irmão. Como homem que sabe o que faz, que se glorifica com rasão de ter visto com seus proprios olhos tudo o que descreve, que tem em horror o ouviu-dizer, julga firmemente que as suas obras são dignas de serem publicadas. Mas se seu irmão julgar de modo diverso, se achar o estylo pouco polido, pede-lhe que queira guardar a sua obra litteraria como uma prova de sua affeição fraternal sem limites. Não foi dado a

Bontius ver a obra impressa, não lhe foi dado attingir o ideal dos seus sonhos, rever a patria, e occupar uma cadeira n'essa universidade, onde seus paes e seus irmãos tinham tido assento. No meio da sua carreira que se tornava de dia para dia mais brilhante, e que lhe predizia um futuro em harmonia com as suas faculdades, morre em Batavia, na idade de 39 annos, quatro annos apenas depois da sua chegada ás Indias, e alguns mezes depois da remessa das suas premicias scientificas. Não se pôde dizer, porque é que essas premicias saíram á luz só passados onze annos da sua morte, e porque é que as suas obras ineditas só foram publicadas quasi trinta annos depois. Mas o que salta aos olhos, lendo a sua biographia, é que a sua vida foi das mais bem preenchidas, e que desenvolveu, durante a sua estada de quatro annos nas Indias orientaes, uma assiduidade, um zêlo incomparaveis, faculdades excepçionaes.

Realmente se o nome de Bontius chegou á posteridade, foi em virtude d'essa estada e d'esses dons extraordinarios de espirito de que era dotado, e que lhe permittiram crear obras modelos sobre a medicina e a hygiene dos tropicos. Sim! obras modelos. Considerae o tempo em que o auctor escreveu, lembrae-vos de que as sciencias exactas n'esse periodo não eram ainda dignas d'esse nome, que a ignorancia, que o dogma, que a escolastica reinaram ainda na medicina, que Harvey acabava exactamente de descobrir a circulação do sangue, que Morgagni ainda não tinha creado a anatomia pathologica, e lêde com attenção no seu «*methodus medendi in India.*» os capitulos sobre o beriberi, sobre o cholera, sobre a dysenteria, sobre os tenesmos, sobre o tratamento dos abcessos do figado, do empyema, etc., e admirareis a exactidão das suas descrições e altura das suas vistas. Ajuntae a tudo isto as numerosas autopsias que faz, e de que dá noticia succinta e perfeitamente clara no seu pequeno ensaio sobre as causas das doencas epidemicas, febres, etc., que reinam em Batavia, e principalmente a alta cstima que professa pela hygiene, como

prova em cada pagina do seu pequeno livro, « *Sobre a conservação da saude nas Indias,* » e não hesitareis em juntarvos sem restricção alguma ao nosso compatriota o dr. Swaving, quando chama a Jacobus Bontius um medico eminente, que, esperando do estudo das sciencias naturaes o maior exito para a medicina e a hygiene, mostrou-se por isso mesmo um homem de um espirito superior e muito além do seculo em que viveu.

E que dizer dos serviços prestados por Bontius ás sciencias naturaes, ao conhecimento d'essa flora e d'essa fauna orientaes? Devemos convir que nunca poderiam ser apreciadas no seu justo valor, porque, exceptuando as suas annotações ao livro de Garcia, não houve conhecimento d'elles senão muito tempo depois da sua morte, e a mão piedosa, que conservou as suas contribuições numerosas para a posteridade, não teve a coragem de os desembaraçar das contradicções e repetições.

Concordemos que, taes como nos chegaram, conservam a impressão d'esse seculo, que se prestava tão facilmente á superstição e ao mysticismo, desde o momento que se tratava dos productos do ultramar, e talvez ainda mais a impressão do desejo que tinha o seu auctor de ser agradavel á nobre companhia das Indias orientaes, sociedade commercial antes que tudo, que desejava ardentemente mais que tudo, ouvir gabar os productos coloniaes, com que carregava a sua frota sempre crescente. Mas, fazendo abstracção d'esses lados desvantajosos, declaremolo bem alto, que tudo o que fez pela historia natural dos paizes intertropicaes constitue um novo titulo para a admiração e apreciação da posteridade reconhecida.

É, pois, principalmente como medico das colonias, como o primeiro auctor sobre a pathologia e a hygiene dos tropicos, que elle tem direito ás nossas homenagens as mais sinceras. É por causa dos seus meritos excepçionaes, que as suas obras foram publicadas mais de uma vez, em Leyde, em Amsterdam, em Paris, em Londres, em latim, em hollandez, em inglez, e que, no fim do seculo XVIII, o auctor de uma descripção medica de Batavia, que foi traduzida em allemão, não podia fazer melhor

do que reproduzir textualmente diversos capitulos do trabalho classico de Bontius.

Ao lado de Bontius nomeio Gulielmus Piso, homem de outra tempera, mas que não faz menos honra á nossa patria. Nascido em Leyde, filho de um musico allemão, que tinha vindo estabelecer-se n'esta cidade, pertencendo provavelmente a essa familia franceza ie Pois, de que foram membros Charles e Nicolas le Pois, celebridades medicas dos seculos XVI e XVII matricula-se como estudante de medicina em Leyde, como Bontius, na idade de 12 annos, e segue os cursos de Heurnius e de Screvelius, depois vae para França, e especialmente Caen (Normandia), onde foi formado doutor em medicina aos 22 annos de idade. Dos 26 para os 27 annos foi chamado pela companhia das Indias Occidentaes para se juntar ao conde João Mauricio de Nassau, no Brasil, como medico ordinario. Este general intrepido, este grande homem politico, este amigo das sciencias e das artes, nomeado governador do Brasil, tinha ido para lá acompanhado por um medico, Willem Milaenen, que falleceu pouco tempo depois da chegada. Era Piso que o ia substituir. A distincção era muito elevada porque elle ia ter com João Mauricio, não só na qualidade de medico ordinario, mas ainda como archiatro, isto é, como chefe do serviço medico nas Indias occidentaes.

N'este tempo, na joven republica, não se faziam as coisas em meio. Piso desejava ardentemente que a missão medica, que lhe iam confiar, pudesse tambem aproveitar ás sciencias naturaes, e, por intervenção dos srs. Conradi Burg e João de Laet, foi aceita a sua proposição de organizar uma expedição scientifica, ao Brasil, Organizando essa expedição scientifica a primeira emprehendida por um paiz europeu, Piso teve a felicidade, não só de contratar um pintor habil, mas tambem reunir a si dois homens da sciencia, ambos candidatos em medicina e estudantes em Leyde. Um era Jorge Marckgraf, astronomico consumado, mathematico distincto, geographo excellento, versado na botânica e na zoologia; o outro, Henrique

Cralitz, cujos estudos faziam tambem esperar um brilhante futuro. No momento da sua partida para o Brasil, Piso teve a satisfação de lhe serem feitos os melhores votos, pela sua prosperidade e pelo bom exito da sua obra, n'um adeus poetico do nosso grande poeta Vondel. Estes votos foram attendidos. Voltou passados seis ou sete annos de ausencia, em 1644, são e salvo, com o seu protector o conde João Mauricio e regosijou-se cordialmente pelas honras que foram dispensadas a este ultimo, dando-se-lhe o sobrenome de americano, preparando-se-lhe ovações publicas em Haya, Leyde, etc. Certamente não presumia elle, que viria um tempo em que o exito da expedição politica e militar de João Mauricio no Brasil seria aniquilado, emquanto que o seu proprio exito não perderia em nada o seu fulgor. E todavia assim succedeu.

A joven republica hollandeza viu-se constrangida, em 1661, a restituir o Brasil a Portugal, mas a gloria da expedição scientifica ao Brazil não se empanou até hoje. Mas o nome de João Mauricio fica irrevogavelmente ligado a esta gloria. Pois foi em virtude da sua generosidade que Piso poudé publicar a sua obra *Brasilia medica et naturalis*, na qual registou todas as suas observações medicas, e todas as suas explorações nos dominios da historia natural, que tinha emprendido só, ou em commum com o infatigavel Marckgraf, cuja lembrança ficará cara á posteridade reconhecida, não só por causa da importancia dos seus trabalhos, mas principalmente pela sua dedicação desinteressada, que o fez perecer na costa da Africa oriental, onde tinha ido completar as suas explorações scientificas.

Tendo-se repatriado Piso fica ainda ligado durante alguns annos ao serviço do seu protector.

Depois estabelece-se em Amsterdam, casa-se e torna-se bem depressa um dos medicos mais distinctos e mais procurados. Chamado umas vezes para consultas em casos difficeis, outras vezes para exercer funções honorificas, como a de inspector do collegio medico e deão d'este collegio, é amado pelos

collegas, procurado pelos lettrados, honrado pelos concidadãos. Mas, ou porque a sua saúde soffresse, ou porque fosse d'aquelles que esgotam todos as suas faculdades intellectuaes n'uma só obra, á qual se entregam inteiramente, fica perdido para a sciencia desde a segunda edição do seu trabalho sobre a historia medica e natural das Indias occidentaes. Posto que ainda vivesse mais vinte annos, ainda que estivesse então no meiado da idade viril, não escreveu mais nada, e poz-se de tal modo á sombra, que só n'estes ultimos tempos consegui saber a data da sua morte.

(Continúa)

HYGIENE

DECRETO N. 9093 — DE 22 DE DEZEMBRO DE 1883

Dá regulamento para o laboratorio de hygiene da Faculdade de
Medicina do Rio de Janeiro

Attendendo á proposta do director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Hei por bem Approvar o regulamento para o laboratorio de hygiene da mesma Faculdade, que com este baixa, assignado por Francisco Antunes Maciel, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Dezembro de 1883, 62º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Francisco Antunes Maciel.

Regulamento a que se refere o Decreto n. 9093 da presente data

Art. 1.º O laboratorio de hygiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro é destinado não só á instrucção pratica dos alumnos da cadeira de hygiene da mesma Faculdade, como ás